

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário Pernambuco

Class.: 428

Data: 17.09.87

Pg.: _____

Índios têm ajuda da OAB para garantir terra

Lideranças indígenas da tribo Pataxó Há-hã-hãe, do posto de Caramuru-Paraguassu, em Pau Brasil, na Bahia, estiveram, ontem, com o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB, seção PE, Paulo Marcelo Raposo, solicitando a interferência da entidade nos conflitos entre os índios e invasores de suas terras. A OAB ficou, então, credenciada para entrar em contato com a 3ª Superintendência Regional da Funai, no Recife, e acompanhar o processo

de demarcação e posse das terras pertencentes à tribo.

Os indígenas, usando cocares e apetrechos característicos, viajaram ontem mesmo a Salvador, onde se encontrarão - a pedido de Raposo - com o presidente da OAB local, Rubens Mário, que se propôs a intervir junto ao Poder Judiciário daquele Estado, para analisar processos sem soluções desde 1982. Eles tiveram duas reuniões, esta semana, com o superintendente da Funai, Lucas Cardoso, mas "nada ficou definido".

Apesar de o cacique estar presente ao encontro, era o vice, Nailton Muniz Pataxó, quem se pronunciava. Segundo ele, "a Funai está sendo omissa e obscura, colocando muitas dificuldades, sem que a gente saiba como é que estão indo os processos".

INVASÃO

De uma área de 36 mil hectares, a tribo ocupa, atualmente, apenas 1.079, "devido às invasões dos grileiros e latifundiários da região, que novamente estão rodeando a nossa área. Eles invadem e requerem

na Justiça o direito de posse da terra, quando a área é nossa, demarcada pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio - SPI".

E são essas medidas judiciais que estão revoltando os índios. "Ora, a Funai poderia simplesmente garantir a posse, já que as terras são nossas". Alegam omissão do órgão nesse sentido e a criticam por não explicar como está o andamento das ações, apesar dos constantes apelos. Além da garantia dos 1.070 hectares, querem recuperar toda a terra perdida

anteriormente, "a custo de assassinatos".

Pelos rápidos cálculos, conclui-se que pelo menos 10 indígenas foram assassinados pelos invasores. "Em 1983, liderados por Alberto Pereira, fazendeiro da região, eles quiseram nos expulsar, assassinando o cacique Edizio. Novamente, em 1984, outro conflito causou a morte de três crianças e de uma índia grávida, que abortou. A gente reagia para entregar nossas terras de graça, mas não matamos ninguém", explica o líder.

Acrescenta que "em 1985 tentaram novamente tomar as terras, matando o índio Antônio Júlio e baleando outros cinco com tiros de espingarda 44. E em novembro de 1986 mataram mais quatro irmãos. Eu, que sou mais visado por eles, para vir ao Recife tive que sair de madrugada, pegar um carro para Itabuna sem ninguém saber, se não eles me acabam também".

Lamentando a impunidade, "pois ninguém até agora não sofreu um arranhão", Nailton Pataxó diz que os assassinatos são praticados de forma bárbara, "cortando munheca de índio e até índio cavando a própria cova". Os 1.332 indígenas, divididos em 213 famílias, vivem nas piores condições de vida, como qualquer sertanejo, segundo o cacique-chefe Manuel Pataxó.

"Nós não temos água potável, já faz mais de três meses que não chove naquela região e nossas roças de cacau estão se perdendo com essa seca". Aproveita para criticar, novamente a Funai, "que existe para a miséria do índio, mesmo sabendo das nossas dificuldades".

Paulo Raposo se dispôs a ajudá-los na procura de soluções para o caso, explicando que "o tutelado tem todo direito às informações dos processos em poder da Funai, assim como as medidas judiciais que estão correndo na Bahia. Se os 36 mil hectares realmente pertencerem aos Pataxós, os títulos de posse requeridos pelos fazendeiros não existem, sendo imediatamente considerados nulos e, portanto, não há o que se requerer nesse caso".

Um fato interessante, segundo as lideranças dos Pataxós, é que os invasores querem a aplicação da reforma agrária nessas terras. Só que - pelo que dizem - são todos filiados à UDR, usando capangas como se fossem posseiros. No final fazem alusão à morte do ministro Marcos Freire: "Índio acredita que foi assassinato. Pode botar no seu jornal", enfatiza Jailton Pataxó.